

O epistemicídio e os desafios enfrentados por arquitetas(os) negras(os).

Epistemicide and the challenges faced by black architects.

El epistemicidio y los desafíos que enfrentan los arquitectos negros.

GUIMARÃES, Gisele Joicy da Silva

Doutoranda, PPGAU/ UFPA, gisele.guimaraes@itec.ufpa.br

RESUMO

O racismo é uma ideologia (e estrutura) que perpassa pela desvalorização da intelectualidade e racionalidade negras, e este ponto tende a atravessar profissionais racializados de maneira perene. O presente ensaio teórico tem como objetivo realizar reflexões e impressões pautadas no meu lugar de fala de mulher negra, arquiteta e urbanista quanto às leituras enquadradas no campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo. Isto se justifica pela possibilidade de ampliação do debate sobre como projetar e de repensar as novas e antigas práticas do fazer projetual seja no âmbito do ensino, pesquisa, extensão e/ou prática profissional. O repensar o processo tende a reverberar não só na vida profissional de arquitetos e urbanistas, especialmente os racializados, mas também interage no processo de valorização do negro na sociedade, seja nas suas memórias e na identidade negra brasileira, como um todo. Tal estratégia é necessária para se combater o epistemicídio e o negacionismo afrodiaspórico que estão fortemente presentes na nossa sociedade. Para a elaboração deste ensaio, utiliza-se levantamento bibliográfico de caráter exploratório centrados no indivíduo negro. As análises tecidas nos direcionam para a necessidade de se enegrecer as leituras.

PALAVRAS-CHAVES: epistemicídio, afrocentricidade, arquitetura, urbanismo.

ABSTRACT

Racism is an ideology (and structure) that pervades the devaluation of black intellectuality and rationality, and this point tends to perennially cross racialized professionals. This theoretical essay aims to carry out reflections and impressions based on my place of speech as a black woman, architect and urbanist regarding the readings framed in the disciplinary field of Architecture and Urbanism. This is justified by the possibility of broadening the debate on how to design and rethink new and old design practices, whether in the context of teaching, research, extension and/or professional practice. Rethinking the process tends to reverberate not only in the professional lives of architects and urban planners, especially those of color, but also interacts in the process of valuing black people in society, whether in their memories or in Brazilian black identity as a whole. Such a strategy is necessary to combat epistemicide and Afrodiasporic denialism, which are strongly present in our society. For the elaboration of this essay, an exploratory bibliographic survey centered on the black individual is used. The woven analyzes direct us to the need to blacken the readings.

KEY WORDS: epistemicide, afrocentricity, architecture, urbanism.

RESUMEN

El racismo es una ideología (y una estructura) que impregna la desvalorización de la intelectualidad y la racionalidad negras, y este punto tiende a traspasar perennemente a los profesionales racializados. Este ensayo teórico pretende realizar reflexiones e impresiones a partir de mi lugar de discurso como mujer negra, arquitecta y urbanista respecto a las lecturas enmarcadas en el campo disciplinar de la Arquitectura y el Urbanismo. Esto se

justifica por la posibilidad de ampliar el debate sobre cómo diseñar y repensar nuevas y viejas prácticas de diseño, ya sea en el contexto de la docencia, la investigación, la extensión y/o la práctica profesional. Repensar el proceso tiende a repercutir no solo en la vida profesional de los arquitectos y urbanistas, especialmente los de color, sino que también interactúa en el proceso de valorización de los negros en la sociedad, ya sea en sus memorias o en la identidad negra brasileña en su conjunto. Tal estrategia es necesaria para combatir el epistemicidio y el negacionismo afrodiaspórico, fuertemente presentes en nuestra sociedad. Para la elaboración de este ensayo se utiliza un levantamiento bibliográfico exploratorio centrado en el individuo negro. Los análisis tejidos nos remiten a la necesidad de ennegrecer las lecturas.

PALABRAS CLAVE: epistemicidio, afrocentrismo, arquitectura, urbanismo.

1 INTRODUÇÃO

O racismo é uma ideologia (e estrutura) que perpassa pela desvalorização da intelectualidade e racionalidade negras, e este ponto tende a atravessar profissionais racializados de maneira perene. O presente ensaio teórico tem como objetivo realizar reflexões e impressões pautadas no meu lugar de fala de mulher negra, arquiteta e urbanista quanto às leituras enquadradas no campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo.

Particularmente, enquanto mulher negra periférica, arquiteta e urbanista, ex-evangélica, ex-militar, iniciante nos estudos de espaços da circularidade do candomblé e umbanda, “ando” (no sentido de movimento, deslocamento) em processo de autoconstrução sobre minha identidade racial e de despertar da importância do letramento negro para o negro. Pois, a questão do racismo passa pela necessidade de valorização da intelectualidade e racionalidade negras que não estão registradas nas literaturas utilizadas nos ambientes acadêmicos; sendo estes, os espaços formais do saber e conhecimento. Entretanto, vivemos a oportunidade de vivenciar uma possibilidade de transformação cultural no que diz respeito aos espaços acadêmicos em busca da ruptura dos padrões heteronormativos brancos. Uma ruptura da visão binária, mas principalmente de questionamentos quanto a colonialidade do saber.

Tal ação se justifica pela possibilidade de ampliação do debate sobre como projetar e de repensar as novas e antigas práticas do fazer projetual seja no âmbito do ensino, pesquisa, extensão e/ou prática profissional. O repensar o processo tende a reverberar não só na vida profissional de arquitetos e urbanistas, especialmente os racializados, mas também interage no processo de valorização do negro na sociedade, seja nas suas memórias e na identidade negra brasileira, como um todo. Tal estratégia é necessária para se combater o epistemicídio e o negacionismo afrodiaspórico que estão fortemente presentes na nossa sociedade. Para a elaboração deste ensaio, utiliza-se levantamento bibliográfico de caráter exploratório centrados no indivíduo negro. As análises tecidas nos direcionam para a necessidade de se enegrecer as leituras.

Assim, além desta Introdução e das Considerações finais, o presente ensaio está dividido em três partes, a primeira busca construir importantes conceituações em “categorias negras para se pensar a arquitetura e o urbanismo”, conceitos novos que são contribuições de intelectuais negros consagrados de outras disciplinas pertencentes, principalmente, ao campo da Filosofia Afrocentrada, a saber, conceitos como: epistemicídio, afrocentricidade e negacionismo da espacialidade afrodiaspórica - este último sendo um conceito trabalhado por mim. Logo em seguida, em “a urgência de se problematizar as leituras racistas da arquitetura e urbanismo”, neste item busca-se traçar um caminho de entendimento, de diálogo entre o racismo do presente e a construção do projeto de extermínio negro do passado (e que ainda está presente); de tal modo que consigamos compreender como que as

leituras racistas atravessam os profissionais racializados, suas intelectualidades/ racionalidades e seus corpos negros em diversos espaços. Por fim, em “*a urgência de se enegrecer nossas leituras*” objetiva ressaltar a necessidade de uma ruptura epistemológica que traga para o centro das discussões os indivíduos negros, os estudos afrocentrados para o campo da arquitetura e do urbanismo.

2 CATEGORIAS NEGRAS PARA SE PENSAR A ARQUITETURA E O URBANISMO

A coletividade precisa ter o compromisso de reconhecer todas as formas de violências (físicas, psicológicas e simbólicas) praticadas com os negros como parte do processo de efetivação da democracia e igualdade raciais no Brasil. E isso precisa começar pela valorização dos saberes, conhecimentos e intelectualidade dos povos de matriz africana em todas as suas expressões. Necessário se construir uma agenda única que ligue e paute as diversas agendas e agências afro-brasileiras, algo que deve atravessar a: cultura, história, política, ecologia, a arquitetura e o urbanismo. Para tal, neste ensaio, são mobilizados importantes conceitos para a presente análise, a saber: afrocentricidade, epistemicídio e negacionismo da espacialidade afrodiaspórica.

A afrocentricidade é uma abordagem epistemológica, então cunhada por Molefi Kete Asanti, cientista e filósofo estadunidense, professor do Instituto de Africologia do Instituto de Temple university. Esta abordagem é um paradigma de análise para fenômenos que atravessam sujeitos negros, sendo importante a compreensão da aplicação de três fatores: agência, agenda e localização dos sujeitos diante dos fenômenos. Em linhas gerais, corresponde, ao questionamento e problematização quanto ao protagonismo negro em pesquisas sobre fatos históricos onde o papel do negro é invisibilizado, marginalizado em favor da centralidade do branco europeu (ASANTE, 2016).

Enquanto corpo negroⁱ que vivencia o ambiente acadêmico, entendo como sendo um dever denunciar o processo de epistemicídio que diz respeito à desqualificação constante dos saberes e conhecimentos afro-brasileiros. Sueli Carneiro, define como sendo o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas (mas apropriados) pelo olhar colonial/ ocidental. A inferiorização epistêmica das cosmologias africanas, bem como de suas narrativas pelos ocidentais estão subjacentes na validação ideológica da permanência do racismo à brasileira (MUNANGA, 2010).

Neste ano, tive a honra de participar do “*III encontro da cúpula dos povos*”, ocorrido em maio deste ano, em que os movimentos negros, quilombolas e pessoas do sagrado de matriz africana se reuniram para refletir as principais pautas a serem apresentadas na *Conference of the Parties (COP 30)*, encontro das Nações Unidas (ONU) sobre mudanças climáticas que ocorrerá no ano de 2025 na cidade de Belém do Pará; onde escutei algo impactante: “Pesquisa sem terreiros é negacionismo”, frase dita pelo mestre Aderbal Ashogun, coordenador das Rede Afroambiental e Rede Nacional de Cultura Ambiental Afro-brasileira. Considero importante ampliarmos este entendimento ao processo histórico de violência material e simbólica do povo negro ao refletirmos que existe e impera no Brasil um negacionismo da espacialidade afrodiaspórica. Tal conceito advém da leitura espacial que nega a existência de espaços negros e que pode se expressar de duas formas: i) invisibilização, como o caso dos terreiros de candomblé e os centros de umbanda nas cartografias formais e nos instrumentos urbanísticos, como um todo; e ii) as desterritorializações contínuas de pessoas negras que usualmente denominam de remoção/ remanejamento.

3 A URGÊNCIA DE SE PROBLEMATIZAR AS LEITURAS RACISTAS DA ARQUITETURA E URBANISMO

Kambele Munanga, antropólogo e professor brasileiro-congolês, denomina de “racismo à brasileira” as peculiaridades das relações raciais brasileiras. É “à brasileira” pois o racismo no nosso país não é oficial, caracteriza-se como sendo “cordial”, pois se baseia na ideia de que no Brasil existe uma democracia racial. Já Lélia Gonzalez, intelectual (mulher) negra, chama de “neurose cultural”, expondo a fragilidade de ideia de democracia racial. A cordialidade nas relações raciais brasileiras é uma noção perniciososa para a assunção da valorização do negro no Brasil por dificultar o entendimento e a decodificação das manifestações do racismo no país. Ecoa dentro do brasileiro uma “voz” que, segundo Munanga, grita: “não somos racistas, os racistas são os outros, americanos e sul-africanos brancos” (MUNANGA, 2010, p. 01). De fato, uma neurose.

Beatriz Nascimento, no ensaio “Por uma história do homem negro”, realiza críticas à ciência e à intelectualidade que não reconhecem a história negra ou a história do negro. Tecendo considerações direcionadas à academia sobre as separações disciplinares; criticando, inclusive, a abordagem que privilegia unicamente a visão socioeconômica. Nesse sentido, podemos ainda considerar que o nosso campo do saber (de Arquitetos e Urbanistas) ainda se firma, sobremaneira, em tal perspectiva.

No campo da Arquitetura e Urbanismo, muitas literaturas ainda se amparam nas considerações ultrapassadas de Gilberto Freyre, o que é assombroso. Quanto a adoção das teorias de Freyre em outros campos do saber, Beatriz Nascimento traz o seguinte relato:

Um dos fatos que mais marcaram meu período escolar e minha formação posterior foi quando um professor de geografia, discorrendo sobre a etnia brasileira baseando-se na teoria do lusotropicalismo de Gilberto Freyre, disse: "O Rio de Janeiro era, no início do século, uma sociedade impossível de se viver, só tinha pretos". Adiante, comparando a questão racial dos Estados Unidos com a do Brasil: "No Brasil não existe racismo, porque a miscigenação sempre existiu e continuará existindo, não vamos ter conflitos porque o negro tende a desaparecer" (NASCIMENTO, 2021, p. 41).

A Prof^a Dr^a Selma Passos, arquiteta negra, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), recentemente, no dia 25 de maio deste ano, apresentou um trabalho intitulado “Outras epistemologias possíveis para o estudo das relações étnico-raciais nas cidades latino-americanas” em que levantava tal problemática: a questão da ausência de uma perspectiva racial que dialogue com a África. A seguir algumas passagens racistas apresentadas por Selma Passos no evento que denotam a necessidade de uma ressignificação de saberes e conhecimentos em salas de aulas do curso de Arquitetura e Urbanismoⁱⁱ.

Escravos que, como certa vez disse o mestre Lúcio Costa, fizeram a casa colonial funcionar, porque atuavam como elevador, ventilador, esgoto, monta-cargas para o senhor entediado. (LEMOS, 1993, p. 97-103).

A máquina brasileira de morar, ao tempo da colônia e do império, dependia dessa mistura de coisas, de bicho e de gente, que era o escravo (...) Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo desde negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto (...) (COSTA, 1951).

(...) Para tudo servia o escravo (...). Era todo um sistema de uso da casa que, como a construção, estava apoiado sobre o trabalho escravo e, por ligava-se a nível isso mesmo, tecnológico bastante primitivo. (...) (REIS FILHO, 1979, p.26)

Em todas as citações, tratam o corpo negro somente como corpo de trabalho, limitado ao papel de escravo. Os autores, basicamente, desumanizam a figura de pessoas negras e este é um aspecto que ainda nos dias de hoje atravessa os corpos negros que buscam ascensão social por meio da Arquitetura e Urbanismo.

Faz-se urgente a criação de estratégias inclusivas que respeitem a percepção da discriminação em pessoas negras. A pessoa racializada em cursos elitistas já são sumariamente atacadas em sua autoestima. A profissão de Arquitetura e Urbanismo é marcadamente elitista e isto tende a representar grandes desafios para os profissionais negros. Dificultando, certamente, sua inserção não só no mercado de trabalho como na carreira acadêmica. Pois a existência de cotas raciais para o ingresso de pessoas negras, quilombolas e indígenas precisa estar aliado e articulado com outras ações que representem uma ruptura com o sistema brancocêntrico e colonizador.

A “mulher negra” se tornou categoria para pesquisa (mais uma vez). A diferença é que não tínhamos voz ou sequer chance de protagonismo (algo que ainda está em risco). E mesmo tendo este holofote, noto ainda o carecimento de uma real vontade de colaboração na luta antirracista, e isso só pode ser possível por meio de posicionamentos bem claros quanto a necessidade de se repensar o privilégio branco para o branco. A branquitude no campo da Arquitetura e Urbanismo precisa ser pesquisada.

Basta eu mencionar uma das minhas primeiras experiências profissionais em que fui demitida por uma arquiteta e urbanista (branca) com a seguinte justificativa: “*você não escuta voz de comando*”. Seria mais interessante ela ter identificado nela mesma a profunda vontade de ter uma negra subserviente que soubesse “seu lugar”. Então, depois de quase 11 anos fui entender do que se tratava o tal incômodo da tal colega de profissão. Interessante frisar que a infeliz frase me ecoa até os dias de hoje.

4 A URGÊNCIA DE ENEGRECER NOSSAS LEITURAS

O negacionismo é uma atitude danosa que se firma sobre a não aceitação da existência de eventos históricos, fatos científicos mesmo diante de evidências. Então, quando Ashogun assevera sobre a violência simbólica que é a negação da existência de espaços altamente identitários étnico-territorialmente ligados à espiritualidade e espacialidades negras africanas, nota-se de maneira evidente que as intencionalidades de extermínio civilizatório que, historicamente, estruturou o Brasil ainda se encontram intactos. É preocupante.

No campo do urbanismo, a questão seria problematizar o pensamento colonial de que a racionalidade branca somente privilegia e classifica como importante os desenhos urbanos que denotam a relação de dominação territorial como sendo os merecedores de serem analisados, investigados (MEDEIROS, 2014). Contudo, é interessante demarcar que a branquitude na atualidade encontra-se numa busca quanto à urgência da sustentabilidade, mas que está implícito que para eles a relação equilibrada e de respeito entre pessoas/ indivíduos buscados por eles não é a mesma a que os povos sagrados de matriz africana e indígenas há séculos já estabelecem com o ecossistema.

De maneira explícita, o forte teor racista despontam dos conteúdos das principais bibliografias indicando que o negro africano não teve papel relevante para a criação das cidades; e quando se delineia uma espécie de tentativa, os autores recaem somente sobre o tema escravidão e racismo o que tende sempre a limitar a existência dos negros a tais aspectos, algo que não retrata, não valoriza, não investiga as expressões materializadas dos negros, seja retratando as espacialidades, as

sociabilidades e as territorialidades pelo ponto de vista espacial. Nesse sentido, o âmbito espacial, são relacionados a uma debilidade intelectual ou proto-racional ligadas aos grupos étnicos-raciais negros.

A distinção entre o pensar a materialidade do espaço pela cosmogonia africana é um grande desafio inclusive para os negros, posto que a *amnésia coletiva*, a que Cida Bento (2023) faz referência em “O pacto da branquitude”, teve um caráter altamente violento e criminoso; nós, pessoas racializada não conhecemos a nossa ancestralidade e contribuição intelectual nesta sociedade. E refletir sobre o quanto isso nos afeta, além de estar bastante presente em nossas cidades, evidenciam o fascismo de cor (SODRÉ, 2023) que relegou todas as expressões da ancestralidade negra a algo que é ruim ou de menor valor.

Resgatar o protagonismo africano representa o deslocamento do eixo do mundo europeu para a África, uma realidade mais próxima das nossas cidades. As discussões dos estudos urbanos se fazem necessárias para a compreensão de como podemos superar as desigualdades e exclusões que, sumariamente, foram tratadas como racialização da pobreza espacializada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematiza-se, portanto, as narrativas que reforçam a desumanização da pessoa preta. Que partem do entendimento de que o negro africano e seus descendentes não possuem intelectualidade ou racionalidade. Leituras e impressões que apenas as pessoas com lugar de fala quanto ao racismo e discriminação racial conseguem captar e sentir a dor de ser discriminado em sua essência: o ser negro. A branquitude ainda se diz incapaz de enxergar tais microagressões.

Tais reflexões foram suscitadas e reforçadas durante estudos sobre os territórios negros no Pará e durante a exploração bibliográfica, foi preocupante observar que muitos autores da atualidade ainda tecem análises e leituras impregnadas de um tom racista que descredibiliza a importante participação negra africana no processo de construção das nossas cidades, assim como da arquitetura regional.

A permanência de tais leituras tendem a potencializar, pelo silêncio, as invisibilidades de pessoas não brancas, pois as abordagens eurocêntricas, historicamente, direcionaram olhares depreciativos aos saberes e conhecimentos africanos e, por extensão, também desvalorizaram as culturas negras afro-brasileiras (OLIVA, 2019). Esta constatação somente reforça que, de fato, nossa sociedade é um produto óbvio de um sistema branco que descredibiliza a intelectualidade negra (desde tempos antigos até os dias atuais).

6 REFERÊNCIAS

ASANTE, M. K. **Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental**: Introdução a uma Ideia. In: Ensaaios Filosóficos, v. 14, dez. 2016. Disponível em: <http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/02_ASANTE_Ensaios_Filosoficos_Volume_XIV.pdf>. Acesso em 14 abr. 2023.

BENTO, M. A. S. **O pacto da Branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COSTA, L. **Depoimento de um arquiteto carioca**. In: MELLO, Bruno César EufRASIO de. E o negro na arquitetura brasileira? Arqutextos, Rio Grande do Sul, v. 145.01, ano 13, jun. 2012. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.145/4372>>. Acesso em 27 maio 2023.

LEMONS, Carlos A. C. **Aspectos da Arquitetura Brasileira**. In: Revista Projeto, n. 166, ago 1993, p. 97-103.

MEDEIROS, Valério. **Urbis Brasiliae: o labirinto das cidades brasileiras**. Brasília: Universidade de Brasília - UNB, 2014.

MUNANGA, K. **Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo**. Cadernos Penesb, n. 12, p. 169-203, 2010. Tradução. Disponível em: <biblio.fflch.usp.br/Munanga_k_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf>. Acesso em 27 maio 2023.

NOGUEIRA, I. B. **Significações do corpo negro**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras** – Relações raciais, quilombos e movimentos/ Beatriz Nascimento. RATTs, Alex (org.). 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1978

OLIVA, A. R.; CHAVES, M. N.; FILICE, R. C. G.; NASCIMENTO, W. F. do (Org.). 1 ed. **Tecendo redes antirracistas** – África, Brasil e Portugal. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SODRÉ, M. **O Facismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

ⁱ O corpo é o meio pelo qual conhecemos e experienciamos/ vivenciamos materialmente e sensivelmente os espaços. O espaço pode ser compreendido como uma superfície de existência, apreendido, percebido por meio da nossa existência (NOGUEIRA, 2023). Deste modo, a espacialidade do corpo seria o desdobramento do ser negro, realizado enquanto corpo negro.

ⁱⁱ Apresentado em um dos Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR), na edição de número 20, ocorrido na cidade de Belém-Pa, especificamente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (FAU/UFPA).